

INTERTEXTUALIDADE COMO RECONTEXTUALIZAÇÃO

INTERTEXTUALITY AS RECONTEXTUALIZATION¹

*Fátima Andréia TAMANINI-ADAMES**

*Cristina dos Santos LOVATO***

Resumo: A intertextualidade é uma questão de recontextualização, um movimento de um contexto para outro, formando outro contexto. Tomando como referência os pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso, pretendemos examinar o processo de recontextualização do conteúdo de um artigo acadêmico para uma entrevista e uma notícia destinadas a um público não especializado, por meio da análise de princípios específicos de recontextualização.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso; Intertextualidade; Recontextualização.

Abstract: Intertextuality is a matter of recontextualization, a movement from one context to another, forming another context. Taking as reference the theoretical assumptions of Critical Discourse Analysis, we aim to examine the process of recontextualization of the content of an academic article to an interview and a news destined to a non-specialized audience, through the analysis of recontextualization's specific principles.

Keywords: Critical Discourse Analysis; Intertextuality; Recontextualization;

Nota introdutória

As concepções de texto e de prática discursiva desenvolvidas na Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) por Norman Fairclough estão conectadas ao conceito de intertextualidade, termo

¹ Esta pesquisa foi desenvolvida no Laboratório de Ensino e Pesquisa de Leitura e Redação (LABLER) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), coordenado pela professora Dra. Désirée Motta-Roth, e contou com a colaboração da professora Doutoranda Cristina dos Santos Lovato.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM), Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa de Leitura e Redação (LABLER). Contato: f.andreia@yahoo.com.br

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa de Leitura e Redação (LABLER) – Bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Contato: cristina.lovato@yahoo.com.br

cunhado por Julia Kristeva a partir da noção de dialogismo de Mikhail Bakhtin. O conceito de intertextualidade, desenvolvido por Bakhtin e Fairclough, é bastante difundido nos estudos culturais e da linguagem, referindo-se aos vários textos ou discursos que são atualizados e reproduzidos em outros (TILIO, 2010, p. 98), ou seja, recontextualizados. De acordo com Fairclough (2001, p. 135), a intertextualidade “aponta para a produtividade dos textos, para o modo como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar convenções existentes”.

Nesta pesquisa, tomando como referência os pressupostos teóricos da ACD, analisamos a recontextualização do conteúdo de um artigo acadêmico para uma notícia e para uma entrevista, essas últimas destinadas a um público não especializado, por meio da análise de princípios de recontextualização propostos por Fairclough (2003), com base em Bernstein (1990). Segundo Gerhardt (2001, p. 7), no processo de recontextualização, o discurso científico é retirado de sua rede de princípios e significados e reformulado a partir das finalidades e princípios do processo de popularização da ciência (doravante PC), de modo que os leitores não especialistas tenham acesso ao conhecimento especializado.

Assim, a seguir, definimos nosso campo de investigação: o processo de PC. Na sequência, revisamos a teoria aplicada ao *corpus* de análise, sistematizamos a metodologia e discutimos os dados levantados.

1 Popularização da ciência

A PC é uma modalidade de produção do conhecimento por recontextualização na mídia de massa da informação de um artigo científico previamente publicado em uma revista especializada (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2011, p. 253), visando a uma audiência não especializada (CALSAMIGLIA; LOPÉS FERRERO, 2003, p. 68). É caracterizada, portanto, como uma tentativa de democratização dos saberes científicos, a fim de promover o envolvimento da sociedade nas discussões sobre os benefícios que as pesquisas científico-tecnológicas podem trazer ou não (IVANISSEVICH, 2005).

O crescente interesse por essa prática pode ser atribuído à sua função: processar a prática científica perante a sociedade mais ampla,

sendo um mecanismo social de democratização dos saberes científicos. Albagli (1996, p. 397) aponta que a importância dada ao processo de PC ampliou-se consideravelmente. A autora (1996, p. 397) atribui essa expansão de interesse ao apelo e ao incentivo à participação da sociedade “no processo decisório relativo ao desenvolvimento das ciências e suas aplicações”.

Nessa perspectiva, Motta-Roth (2009c) aponta três justificativas para argumentar a importância do processo de PC: o dever dos meios de comunicação mais ou menos acadêmicos de informar a sociedade sobre o avanço do conhecimento; a responsabilidade do mediador em explicar princípios e conceitos para que a sociedade avance na transformação conjunta do conhecimento; e a necessidade da sociedade entender a relevância da pesquisa para que continue financiando a empreitada científica.

A circulação do conhecimento científico é tanto parte quanto agente modificador do processo de produção de conhecimento, em que, entre o processo de produção de conhecimento até a divulgação científica, estão o cientista, a mídia, a sociedade e o Estado, por meio de políticas científicas (GUIMARÃES, 2009, p. 6-7). Conforme Santos (2007, p. 476), “o fato científico é construído no contexto sociopolítico, no qual tomam parte vários atores”: educadores em ciência, cientistas sociais e sociólogos da ciência, pesquisadores de opinião pública, e profissionais envolvidos na educação formal e não formal em ciências, como professores e jornalistas. O propósito do processo de PC é inserir, portanto, a ciência no cotidiano das pessoas (GERMANO, 2005, p. 12).

Primeiro, acredita-se que uma população alfabetizada em ciências seria essencial para formar uma força de trabalho especializada e bem treinada, o que resultaria em uma maior prosperidade para a nação. Um melhor entendimento da ciência teria também repercussões diretas no dia-a-dia dos indivíduos, como maior cuidado com a própria saúde. Além do fato de que a compreensão de aspectos tecnocientíficos lhe permitiria tomar decisões mais apropriadas sobre questões polêmicas, como clonagem ou alimentos geneticamente modificados, tornando o debate mais democrático (IVANISSEVICH, 2005, p. 28).

Há, desse modo, o que Pagano (1998, p. 58) chama de processo de *des-especialização* do conteúdo científico, em decorrência da sua reescritura. A PC por meio da mídia implica, conseqüentemente, um processo social, tornando a ciência popular, e um processo discursivo de recontextualização²³, na medida em que reformula o discurso científico, visando atingir a uma audiência não especializada (LOVATO, 2010b, p. 115), como o exposto a seguir.

2 Intertextualidade

O termo intertextualidade remete imediatamente à sua etimologia - *inter*: posição intermediária, interação, entre; *textualidade*: qualidade daquilo que é relativo ao texto, e o que está em um texto - (VASQUES, 2007, p. 21). O surgimento do termo é atribuído à Kristeva, autora que fundamenta-se no princípio dialógico da linguagem preconizado por Bakhtin. Kristeva (1974, *apud* VASQUES, 2007, p. 22) define intertextualidade como uma “transposição de um (ou vários) sistema(s) de signos noutra”. A intertextualidade, como a recontextualização do discurso de um ator social no discurso do outro, em outro contexto, é a própria faceta visível do caráter dialógico do uso da linguagem (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2011, p. 253). De acordo com Fiorin (2006, p. 19), “dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”, entendendo que há dois conceitos para o termo. No primeiro conceito, chamado de constitutivo - que “não se mostra no fio do discurso” (FIORIN, 2006, p. 32) -, “dialogismo é o modo de funcionamento da linguagem”, pois todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado e tem pelo menos duas vozes, diz Fiorin (2006, p. 24). No segundo, chamado de composicional - que se mostra -, há a “incorporação pelo enunciador da(s) voz(es) do outro no enunciado” (FIORIN, 2006, p. 32). Nesse último, que é uma forma particular de composição do discurso, podemos inserir o discurso do outro citando abertamente o discurso alheio ou através do discurso bivocal, “internamente dialogizado, em que não há separação muito

²³ Conforme explica Motta-Roth (2009a), a partir do modelo de discurso pedagógico desenvolvido por Bernstein (1990).

nítida do enunciado citante e do citado” (FIORIN, 2006, p. 33). (PIRES; TAMANINI-ADAMES, 2010, p. 68).

Assim, Fairclough (2001, p. 29) define intertextualidade como:

a propriedade que os textos têm de serem cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser ou não delimitados explicitamente ou mesclados e que pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante.

Há duas maneiras de realização da intertextualidade em um texto, a distinção entre as duas é realizada com base no modo como figuram no discurso. Sua manifestação gráfica é chamada por Fairclough (1995, p. 135) de “intertextualidade manifesta”, relacionada à recorrência explícita a outros textos, manifestados, marcados ou sugeridos por traços na superfície do texto. Já a “intertextualidade constitutiva” ou “interdiscursividade” está relacionada à complexa configuração interdependente de formações discursivas (FAIRCLOUGH, 1995, p. 95) e é interna ao texto, remetendo ao modo como valores, crenças e modos habituais de um discurso são atualizados em outro.

A intertextualidade constitui-se como uma “área cinzenta entre a prática discursiva e o texto” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 285), na medida em que uma análise baseada nessa noção exige do analista uma visão mais acurada das questões sociais e culturais (FAIRCLOUGH, 1995, p. 61) que medeiam um texto.

Segundo Fairclough (2003, p. 28), quando analisamos textos específicos estamos realizando duas coisas interconectadas: olhando o texto em termos dos significados acionais, representacionais e identitários, e como eles estão manifestos nos vários procedimentos de gramática e vocabulário, por exemplo; e fazendo uma conexão entre o evento social concreto, o texto, e as práticas sociais mais abstratas, perguntando-se quais gêneros, discursos e estilos, ou “ordens do discurso”, estão articulados no texto. Fairclough (2001, p. 21) entende “texto” como uma dimensão do discurso que, por sua vez, é o “produto” do processo de produção textual.

A análise linguística é descritiva por natureza, enquanto a análise intertextual é mais interpretativa. As particularidades linguísticas dos textos proporcionam evidências que podem ser utilizadas na análise

intertextual, e a análise intertextual é uma forma particular de interpretação dessas evidências – uma interpretação que situa o texto em relação aos repertórios de práticas discursivas, ou seja, ordens do discurso²⁴ (FAIRCLOUGH, 1995, p. 61).

Fairclough (2003, p. 41), baseando-se em Bakhtin, ressalta que no processo de construção de um texto/discurso o autor traz outras vozes ao texto, assumindo o controle ou se abrindo para a diferença, ao acentuar a dialogicidade. Quando a voz do outro é incorporada ao texto, sempre haverá escolhas sobre como estruturá-las, como e onde incorporá-las ao texto (FAIRCLOUGH, 2003, p. 53), pois a intertextualidade tem como característica ser seletiva em relação ao que será incluído ou excluído dos eventos e dos discursos representados (FAIRCLOUGH, 2003, p. 55). Textos estabelecem relações dialógicas/polêmicas/de tensão com outros discursos (FAIRCLOUGH, 2003, p. 132), misturando diferentes discursos pela relação dialógica. Nessa perspectiva, para Fairclough (2003a, p. 51), a intertextualidade é uma questão de recontextualização, um processo onde sempre há uma tensão entre o que acontece e o que é reportado (FAIRCLOUGH, 2003, p. 48-49).

Desse modo, uma análise intertextual do tipo constitutiva - ou interdiscursiva -, como proposta aqui, ocupa-se em identificar que discursos embasam outro discurso e como eles se articulam (FAIRCLOUGH, 2003, p. 128), conforme discorreremos no próximo subitem.

2.1 Intertextualidade como recontextualização

Fairclough embasa-se na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (2004)²⁵ e em Foucault (1994) ao postular que as relações

²⁴ Linguistic analysis is descriptive in nature, whereas intertextual analysis is more interpretative. Linguistic features of texts provide evidence which can be used in intertextual analysis, and intertextual analysis is a particular sort of interpretation of that evidence – an interpretation which locates the text in relation to social repertoires of discourse practices, i.e. orders of discourse.

²⁵ Vian Jr. (2009, p. 106) sugere “alguns possíveis diálogos, embora de perspectivas espaciais, sociais e teóricas diferentes, entre Bakhtin e Halliday”, destacando que tanto a interação verbal permanente entre os participantes do diálogo, quanto a intertextualidade ou a relação dialética interdependente entre discurso e contexto,

interdiscursivas entre gêneros, estilos e discursos, ou ordens do discurso, são instanciadas como relações semânticas, as quais são realizadas como relações gramaticais e de vocabulário (FAIRCLOUGH, 2003, p. 38). Ao propor três significados textuais existentes dialeticamente a partir das três metafunções hallidayanas, Fairclough (2003, p. 28) se baseia em Foucault (1994, p. 318), o qual preconiza em três tipos de relações: de controle sobre as coisas, de ação sobre os outros, e de relações com os outros: o termo ordens do discurso é entendido por Fairclough (2003, p. 220) como configurações particulares de gêneros (que relaciona à metafunção textual e a significados textuais acionais), estilos (que relaciona à metafunção interpessoal e a significados textuais identitários) e discursos (que relaciona à metafunção ideacional e a significados textuais representacionais), que constituem o aspecto discursivo de uma rede de práticas sociais e têm relativa estabilidade.

Foucault entendeu que as práticas discursivas são constitutivas do conhecimento, cuja transformação em ciência está ligada diretamente a elas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 62). Para Fairclough (2001, p. 21), “texto” é uma dimensão do discurso que, por sua vez é o “produto” do processo de produção textual, sendo o “discurso” amplamente utilizado no trabalho de Foucault, “como referência aos diferentes modos de estruturação das áreas de conhecimento e prática social”. Entretanto, “não se pode simplesmente aplicar o trabalho de Foucault em análise do discurso”, deve-se antes colocar sua perspectiva para funcionar (FAIRCLOUGH, 2001, p. 62). Assim, o autor (2001, p. 22) propõe que qualquer evento discursivo seja considerado simultaneamente texto, prática discursiva e prática social – abordagem tridimensional. “Uma característica relevante das práticas sociais é sua articulação em redes relativamente estáveis” organizadas nos diversos campos da vida social, e tanto a articulação das práticas em rede quanto a organização dos campos são abertos à mudança social (RESENDE, 2009, p. 15-16).

As ordens do discurso, na proposta de Fairclough (2003, p. 24-25), são a organização social e o controle da variação linguística, e seus elementos (gêneros, estilos e discursos) não correspondem a

correlacionam-se de maneira relevante com o dialogismo. O autor (2009, p. 105) diz que essa “indissolubilidade na relação texto-contexto” pontua não só uma análise crítica, mas também uma análise dialógica baseada na Gramática Sistêmico-Funcional.

categorias puramente linguísticas, mas àquelas que estão na divisão entre linguagem e não linguagem, entre discursivo e não discursivo. O termo discurso é usado em um senso geral para linguagem (verbal e não verbal) como um elemento da vida social relacionado dialeticamente a outros elementos, e também usado mais especificamente; gênero é um modo de ação em seu aspecto discursivo (FAIRCLOUGH, 2003, p. 216); e estilos são modos de ser ou representar identidades em seus aspectos linguísticos e semióticos (FAIRCLOUGH, 2003, p. 41). De acordo com Fairclough (2003, p. 214-215), diferentes discursos são diferentes modos de representar o mundo.

Dessa maneira, Fairclough (2003, p. 35-36) adota uma visão relacional de textos, ressaltando que podemos estudar suas relações internas (gramaticais, semânticas, fonológicas e grafológicas) e suas relações externas (estruturas sociais, práticas sociais e eventos sociais) ou intertextuais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 39) em termos de representação, ação e identificação.

Textos, portanto, refletem representações de mundo, relações sociais, identidades sociais e valores culturais. A análise textual é a análise de como textos atuam no estabelecimento de representações, relações, identidades e valores – no julgamento de valores (Fairclough, 2001). A análise interacional engloba dois momentos: a análise interdiscursiva e a análise linguística (Chouliaraki & Fairclough, 1999), lembrando que essa última é feita dentro de uma perspectiva multimodal [...] (TILIO, 2010, p. 97).

Fairclough (2003, p. 24) aponta que a linguagem, assim como outras semioses, é um elemento da ordem do social e da ordem cultural em todos os níveis: estruturas sociais (linguagens, que definem certos potenciais e possibilidades da língua e excluem outros); práticas sociais (ordens do discurso, uma rede de práticas sociais na linguagem cujos elementos não são estruturas linguísticas, mas gêneros, estilos e discursos); e eventos sociais (textos).

Na representação de eventos sociais como recontextualização, um evento social está incorporado no contexto de outro evento social, recontextualizado (FAIRCLOUGH, 2003, p. 139). Baseado em Bernstein (1990), Fairclough (2003, p. 139) escreve que campos sociais particulares, redes de práticas sociais particulares, e gêneros

têm a eles associados “princípios específicos de recontextualização”, conforme incorporam e atualizam eventos sociais prévios. Esses princípios diferem quanto aos modos pelos quais um tipo particular de evento social está representado em diferentes campos, redes de práticas sociais e gêneros.

Sob o ponto de vista da representação dos eventos sociais como recontextualização, Fairclough (2003, p. 139), baseado em Bernstein (1990), propõe quatro princípios para o estudo da recontextualização, os quais oferecem pistas de interdiscursividade: 1) o princípio do Arranjo (como os eventos estão ordenados?); 2) o princípio da Adição (o que está adicionado aos eventos representados?); 3) o princípio da Presença (quais elementos de eventos, ou eventos em uma rede de eventos estão presentes ou ausentes, proeminentes ou encobertos?); e 4) o princípio da Abstração (qual grau de abstração de eventos concretos?).

Conforme Fairclough (2001, p. 223), a linguagem científica favorece abstrações, tornando-se um tanto mistificadora aos leitores leigos. Em relação a esse último princípio, os eventos sociais podem ser representados em diferentes níveis, desde representações mais concretas, como é o caso das especificações, até representações mais abstratas, como é o caso das generalizações e das nominalizações (FAIRCLOUGH, 2003, p. 137-138). Segundo o autor (2003), as nominalizações, por exemplo, são “metáforas gramaticais ideacionais” (HALLIDAY, 2004) que evidenciam representações de eventos sociais mais abstratas. As metáforas gramaticais se distinguem das metáforas lexicais, “visto que estas se caracterizam pela manutenção da mesma classe gramatical, ao se substituir um termo por outro, tentando se conservar o mesmo tipo de relação semântica” e “aquelas aparecem com mais frequência na escrita científica, que exige um alto grau de abstração, na condensação de informações por meio dos termos lexicais utilizados” (OLIONI, 2010, p. 101). Então, metáforas ideacionais (e interpessoais) apresentam um nível mais abstrato e, portanto, incongruente do uso da língua: parte da informação perde-se na nominalização - verbal ou adjetival -, requerendo um exercício de abstração.

Os elementos dos eventos sociais são seletivamente “filtrados” de acordo com esses princípios, os quais interferem no modo como os eventos sociais são representados mais concretamente ou

abstratamente, onde e como os eventos são avaliados, explanados, legitimados e representados.

3 Metodologia

O *corpus* de análise foi composto por um artigo científico, publicado pela revista *Science*, intitulado *Phonemic diversity supports a serial founder effect model of language expansion from Africa* (ATKINSON, 2011), por sua versão jornalística, intitulada *A origem das línguas*, publicada *online* como notícia pela revista “Ciência Hoje Online”²⁶, e pela entrevista feita com o professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Dr. Carlos Alberto Faraco no *link* da respectiva notícia, um programa de rádio do Instituto Ciência Hoje veiculado pela internet e nomeado “Estúdio CH”.

Os procedimentos de análise compreenderam o mapeamento dos quatro princípios específicos de recontextualização supracitados, Arranjo, Adição, Presença e Abstração, propostos por Fairclough (2003, p. 139), em concordância com Bernstein (1990). A análise do Arranjo incluiu o modo como os eventos são narrados no tempo em cada um dos três textos. A análise da Adição incluiu elementos adicionados aos textos, tais como figuras, em uma perspectiva multimodal que permite a pesquisa de “potenciais metafóricos” em contextos específicos (VAN LEEUWEEN, 2011, p. 58), recursos envolvidos em julgamentos de modalidade visual dependentes do contexto, a saber: “modalidades naturalística, sensorial, abstrata, e tecnológica” (VAN LEEUWEN, 2005, p. 167-171) - a modalidade refere-se aos recursos semióticos que expressam “quão verdadeira ou real uma dada representação pode ser” (VAN LEEUWEN, 2011, p. 22). A análise da Presença incluiu a verificação dos lugares, áreas do conhecimento e atores sociais presentes nos textos, bem como se esses últimos estão mais especificados ou generalizados. Por fim, a análise da Abstração incluiu o levantamento do modo como os eventos sociais estão representados, desde a forma mais concreta, por meio de especificações, até formas mais abstratas, por meio de generalizações e nominalizações em cada um dos três textos do *corpus*.

²⁶Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/podcasts/A%20origem%20das%20linguas.mp3>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

4 Análise e discussão dos resultados

Quanto ao 1) Arranjo, no artigo acadêmico, os eventos aparecem ordenados cronologicamente e repetidos ao longo do texto, a começar pelo título, onde *Founder Effect* e *Language Expansion from Africa* sugerem o tempo inicial da argumentação do autor, o qual inicia o texto com expressões tais como *serial founder effect in which successive population bottlenecks during range expansion*, tema do artigo, e que depois avança no tempo com as expressões *more recent demographic history* e *modern human languages*, ainda no primeiro parágrafo. Essa série de ordenação temporal contínua, com o autor referindo-se ao início da linguagem humana, sua expansão no globo até o estabelecimento das línguas atuais, que se observa em *continually gain and lose phonemes* (gerúndio), aparece reiterada no resto do texto, sucessivamente, como, por exemplo, em *the origin and expansion of modern human languages*.

Na notícia, o mesmo arranjo é observado: os eventos do artigo são recontextualizados da mesma forma, compreendendo desde o passado até os dias atuais. Isso pode ser observado também desde o título, *A origem das línguas*, bem como nas expressões *atualmente* e *nos idiomas modernos* e *continua fragmentação em outras línguas* (gerúndio). Entretanto, aqui se inclui o tempo futuro: *o futuro da linguística histórica*. Esse achado é condizente com o fato do gênero notícia de PC geralmente apresentar três partes: uma síntese, um detalhamento e uma conclusão avaliativa (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2011, p. 257-258). Finalmente, na entrevista do programa de rádio veiculado, a recontextualização do artigo em relação ao Arranjo acontece da mesma maneira que na notícia. O jornalista entrevistador, na introdução, fala que *os idiomas do planeta têm uma origem em comum*, que *ela teria ocorrido há cinquenta mil anos, quarenta séculos do que se acreditava*, e em *nascimento da linguagem humana*. O entrevistado, já na primeira resposta, continua falando em *origem da linguagem*, *hoje* e *processo evolutivo*. No final, também se inclui o futuro, quando entrevistador pergunta sobre *o futuro da linguística histórica*.

Quanto à 2) Adição, no artigo acadêmico há figuras, três representadas por mapas e duas representadas por gráficos, todas legendadas, não nessa ordem, mas relacionadas às “regiões do globo” e

à “distância da África”. Nos mapas, a modalidade é tecnológica, coma verdade visual relacionando-se à utilidade prática da imagem (VAN LEEUWEN, 2005, p. 168); nos gráficos, a modalidade é abstrata, “comum em visualizações científicas” (VAN LEEUWEN, 2005, p. 168).

Na notícia, há uma figura descrita como sendo uma pintura do século XVI, *A Torre de Babel*, de Pieter Brueghel, que mostra a construção e a destruição dessa torre bíblica e pode estar correlacionada à explicação para a existência de muitas línguas. Em se tratando da mídia, as imagens comumente são usadas para capturar a essência da informação a ser comunicada (LOVATO, 2010a, p. 115). Analisando notícias da Ciência Hoje On-line, Lovato (2010a, p. 130) conclui que a função das imagens nas notícias de PC é a de índice, indicando por meio de uma fotografia um dos tópicos da pesquisa popularizada, comumente o objeto de análise e/ou a fonte de dados, e reproduzindo “os interesses do grupo social no qual são produzidas e para o qual se dirigem”. No caso da pintura de Pieter Brueghel, a modalidade é naturalístico-abstrata, o que aproxima a notícia ao artigo acadêmico. “Imagens de cunho naturalístico são oferecidas ao leitor como itens de informação e contemplação” (LOVATO, 2010a, p. 125). Também há o *link* para a entrevista, o do programade rádio “Estúdio CH”. Na entrevista, ouve-se, além das vozes do entrevistador e do entrevistado, música na introdução e no final, com comentários do jornalista sobre a próxima edição do programa, mas isso é típico desse gênero.

Quanto à 3) Presença, a presença de lugares, no artigo acadêmico, aparece principalmente a África (*Africa, origin, point of origin, área of origin, main origin, best fit origin, central and southern Africa, sub-Saharan Africa...*), mas também é mencionado o resto do globo (*global eoutside Africa*, por exemplo) e *Southeast Asia, South America, Oceania, 2560 potential origin location saround the world, Americas, remote Pacific, Bering Strait*, e *northernEurasia*. A notícia recontextualiza a África e o resto do globo (*planeta*), pois fazem parte do tema, que é a origem da linguagem e sua posterior e contínua expansão global. Na entrevista, também são mencionados África (*África, Sudoeste da África, continente africano*) e *planeta/mundo*, além de *América do Sul* e *muitos países*. Aqui há também a presença de *Nova Zelândia* (local de origem do autor do artigo acadêmico

citado) – e também de *Estúdio CH* (local da entrevista) e *Universidade Federal do Paraná* (filiação institucional do entrevistado). Nos gêneros recontextualizadores, esses elementos são recorrentes, visto que situam tematicamente o conhecimento reportado.

No artigo acadêmico, há Presença da área dos Estudos Linguísticos, a qual envolve fonética e fonologia, em todo texto e bastante reiterada, como, por exemplo, no uso das expressões *language, linguistic diversity, units of sound, words, phonemes, phoneme distinctions, tone, phonemic diversity, phoneme inventories, vowel, consonant, language families, language analysis, language polygenesis, language level, languagearea, modernlanguages*, etc. Entretanto, embora áreas de conhecimento não serem citadas no texto propriamente dito, a área dos Estudos Linguísticos aparece citada somente em seis das trinta “referências e notas”, item com imensa maioria de citações de autores ligados à Biologia e Ciências Naturais (aparece também uma citação de uma revista acadêmica da área antropológica). Na notícia, a área dos Estudos Linguísticos é recontextualizada nas expressões *línguas, idiomas, linguagem, linguístico, fonologia, fonemas e linguística histórica*, e outras áreas de conhecimento não são citadas. Na entrevista, a área dos Estudos Linguísticos é citada nas expressões *idiomas, linguagem, Linguística Histórica, línguas, línguas modernas, Latim, linguagem verbal, fonemas, fonologia, sistemas fonéticos e fonológicos, Estudos Linguísticos, Português, português brasileiro e gramática*.

Por fim, além da Presença do autor, Quentin D. Atkinson, e dos autores citados nas referências e notas do artigo acadêmico, os resultados demonstram que os atores sociais mais proeminentes aparecem generalizados, como em: *population bottlenecks during range expansion, modern humans, neighboring population sat similar points, speakers e modern speaker population*. Essas generalizações corroboram a tendência à abstração do discurso científico. Na notícia, além do jornalista Fred Furtado, do linguista Carlos Alberto Faraco, do autor do artigo recontextualizado (Atkinson) e do pintor Pieter Brueghel, também estão presentes e generalizados *linguistas e humanidade*. Já, na entrevista, além do jornalista e entrevistador Fred Furtado, do linguista entrevistado Carlos Alberto Faraco e do autor do artigo (Atkinson, referido como *pesquisador da Nova Zelândia*) aparecem outros atores sociais, esses citados pelo entrevistado, como o

linguista norte-americano Noam Chomsky, o biólogo evolucionista Stephen Jay Gould, um filósofo alemão do começo do século dezenove –, além do linguista Mauro Perini, citado no final pelo jornalista ao mencionar a próxima edição do “Estúdio CH”. Mas na entrevista também há vários atores sociais generalizados: *ser humano, linguistas, gente da área da Biologia, gente da área da área da Evolução, gente da área da Embriologia, antropólogos, paleontólogos e outros*. Então, pode-se dizer que essas generalizações presentes na notícia e na entrevista do programa de rádio aproximam esses dois gêneros do artigo científico quanto a uma tendência para a abstração. É interessante mencionar também que apenas nos gêneros recontextualizadores é trazida a voz do especialista na área, como fontes de avaliação e descrição das informações veiculadas - nesse sentido, recorre-se ao especialista da área como testemunho de autoridade.

Quanto 4) ao princípio da Abstração, o artigo acadêmico apresenta algumas especificações, representações mais concretas dos eventos narrados, como, por exemplo, em *languages of Oceania, language area (the total area over which a language is spoken), phonemes—perceptually distinct units of sound that differentiate words, phonemes used in a global sample of 504 languages, sub-Saharan Africa, population density (the number of speakers per unit of area) e hierarchical linear model comprising the three taxonomic levels recorded in WALS*. As generalizações referem-se à linguagem humana, como em *languages*, e aos seres humanos, como em *neighboring populations at similar points e modern speaker population*, generalizações apontadas na análise do princípio da Presença. Mas, em relação às nominalizações - verbais e adjetivais -, metáforas gramaticais ideacionais associadas a discursos de prestígio, poder e autoridade (HALLIDAY, 2004, p. 640), como o discurso da ciência, e representações dos eventos narrados mais abstratas, elas aparecem em variadas expressões no artigo científico, como, por exemplo, em *modern “humans”, human “culture”, language “families”, Language “Expansion” from Africa, African “origin”, founder events during range “expansion”, the set of origin “locations” within four BIC units of the best-fit “location”, hierarchical linear regression “framework”, main “origin” under a polygenesis scenario, linguistic founder effect*, bem como nas

palavras *diversity, distance, work, variation, affiliation, regressions, findings, analysis, distinctions, evolution, succession, distribution, information, correlation, inventory, measures, conditions, processes, order, evidence, growth, innovation*.

Na notícia, o artigo é recontextualizado por meio de algumas especificações, representações mais concretas, tais como em *Artigo publicado em abril na revista ‘Science’, linguagem verbal e fóssil linguístico*. Quanto às generalizações, referem-se também à linguagem e aos seres humanos, como, por exemplo, em *línguas, humanidade e idiomas*, mas incluem os *linguistas*, conforme observado também na análise do princípio da Presença. Por fim, as nominalizações são menos frequentes que no artigo científico, mas aparecem em *o que se sabe até agora sobre esse “tema”, “hipótese” única para explicar a “origem” da linguagem, que sustenta que havia uma única “manifestação” da linguagem verbal, segundo a qual houve vários idiomas no “início” da humanidade, “ciência” que estuda a fonética das línguas, “pesquisa” publicada na Sciencee “conhecimento” fonológico disponível*, além de nas palavras *espécie, processo, possibilidades, indícios, questões, diversificação, fragmentação, conclusão e discussão*.

Na entrevista do programa de rádio confirma-se uma representação mais concreta dos eventos narrados no artigo por meio de um maior número de especificações, tais como em *artigo publicado em abril na revista norte-americana Science, cinquenta mil anos, quarenta séculos do que se acreditava, ideia formulada pelo linguista norte-americano Noam Chomsky, linguagem verbal, cada uma das línguas, essa faculdade humana, faculdade humana da linguagem, linguagem verbal, cada uma das línguas, essa faculdade humana, faculdade humana da linguagem, linguagem humana, artigo da Science, pesquisador da Nova Zelândia, esse artigo, área da fonologia, área mais desenvolvida dos Estudos Linguísticos e trinta a quarenta fonemas*. Entretanto, quanto às generalizações, representações mais abstratas, na entrevista elas também aparecem recorrentemente mais do que no artigo e na notícia, como em *as coisas, línguas, línguas modernas, idiomas, mundo, línguas humanas, linguagens*, além das generalizações apontadas na análise do princípio da Presença: *ser humano, linguistas, gente da área da Biologia, gente da área da Evolução, gente da área da Embriologia, antropólogos*,

paleontólogos e outros. Também, em relação às nominalizações, aparecem em grande número, como em expansão, diversidade, variação, evolução, resultados, processo, evidências, exemplo, pesquisas, possibilidades, indícios, manifestações, início, questão, diversificação, conclusão, conhecimento, explicação, elucubrações, configuração, expressão, introdução, perda, validade, achados, migração, estudo, investigação, variações, espécie, elucubrações, ideias, pesquisas, população, hipótese, origem, manifestação, início, capacidade, expressão, sistemas.

Sendo assim, esses achados são compatíveis como os de Tabrizi e Nabifar (2013, p. 39), autoras que, estudando textos da área da saúde, relacionaram o uso crescente de nominalizações em textos científicos, principalmente desde o último século, a um aumento dessas metáforas gramaticais ideacionais na PC, mesmo que essa não represente um discurso especializado.

Considerações finais

Nesse trabalho, tivemos como objetivo analisar o modo como o conteúdo de um artigo acadêmico é recontextualizado em uma notícia e em uma entrevista destinadas ao público não especializado, a partir de princípios específicos de recontextualização propostos por Bernstein (1990) e Fairclough (2003).

O Arranjo dos eventos confere com o tema do artigo acadêmico. No artigo e nos gêneros recontextualizadores há uma ordenação cronológica dos fatos (origem da linguagem, sua expansão pelo globo através de sucessivas migrações populacionais, até o estado atual das línguas modernas). Essa narração cronologicamente ordenada se repete ao longo de todos os textos, trazendo o tempo passado e o tempo presente. Mas, os gêneros recontextualizadores vão além, e, numa percepção não estanque, convidam o leitor/ouvinte a indagar sobre o futuro.

As adições aos textos se confirmaram previsíveis no artigo acadêmico, já que é característico do gênero a presença de figuras explicativas, e na notícia, a qual confirma a tendência da mídia *online* de, além de se mostrar atraente, oferecer recursos interativos. Também, a pintura naturalístico-abstrata de Pieter Brueghel veiculada pela notícia, aproxima esses dois gêneros, mesmo que iluminação, nuances

de cor ou outros detalhes criem diferenças individuais irrelevantes para a “verdade” da imagem quando da modalidade abstrata combinada à naturalística, (VAN LEEUWEN, 2005, p. 168).

Quanto à Presença, os dados levantados indicam o especialista na área de conhecimento tematizada, Estudos Linguísticos, como testemunho de autoridade presente apenas nos gêneros recontextualizadores. Isso pode ser devido à mídia e os órgãos do Estado terem uma concepção de ciência que não legitima o campo das Ciências Humanas e Sociais, refletindo na maciça presença de artigos sobre saúde (GUIMARÃES, 2001, p. 8). Conforme Dosse (2007, p. 430), Foucault apontou que a Biologia permitiu o surgimento da moderna medicina no século XIX, sendo os temas biológicos amplamente representados. Ao contrário, em se tratando da área de Letras, além de haver uma “quase inexistência de notícias que popularizem conhecimento/ciência” (MOTTA-ROTH, 2009b, p. 136), o tema é muitas vezes diversamente representado (TAMANINI-ADAMES, 2011, p. 151).

Baseado em Bakhtin, Fiorin (2006, p. 128) aponta que forças centrípetas - que aspiram ao monologismo e buscam o fechamento, a homogeneidade -, bem como forças centrífugas – que tanto buscam a abertura, a heterogeneidade, quanto buscam desvelar o dialogismo constitutivo do discurso -, atuam incessantemente sobre as línguas. Nesse sentido, observa-se que o artigo, apesar de tratar de fonética e fonologia, traz nas “referências e notas” uma lista considerável de citações de autores ligados à Biologia e às Ciências Naturais. Por outro lado, a notícia e a entrevistado programa de rádio abrem-se para a diversidade e heterogeneidade ao destacarem a figura do linguista, profissional considerado como a verdadeira voz para falar sobre o tema, mesmorecontextualizando o artigo com a presença de autores da área biológica, entre outras áreas de conhecimento.

Finalmente, em relação ao princípio da Abstração, verificamos no artigo acadêmico um número elevado de nominalizações, confirmando a tese de que associam-se a discursos como o da ciência (HALLIDAY, 2004, p. 636). Discursos são formas de representar o mundo em diferentes níveis de abstração (FAIRCLOUGH, 2003, p. 133), e estudos anteriores de textos verbais demonstram que um discurso altamente abstrato ou metafórico tende também a diferenciar o discurso do especialista do não especialista, como o de PC, de acordo

com Halliday (2004). Entretanto, essas representações mais abstratas foram verificadas expressivamente também na notícia e na linguagem oral da na entrevista do programa de rádio, ainda que nessa última verifique-se muitas especificações, representações mais concretas.

Então, neste estudo, o uso de nominalizações pode estar ligado a coerções, tanto no gênero acadêmico quanto na PC, buscando-se informar muito com um número reduzido de palavras, e desmistificando, de certa forma, a *des-especializaçãodo* conteúdo científico quando recontextualizado pela mídia.

Assim como o discurso científico apoia-se na impessoalidade e na objetividade para configurar-se como um discurso institucional, inquestionável e de veracidade, aqui parece estar acontecendo processo semelhante na PC, na medida em que seu texto deve assumir a perspectiva do discurso científico (LIMA, 2006, p. 104).

Essa noção (de Bakhtin) de várias vozes que se articulam e debatem na interação é crucial para a abordagem da *linguagem como espaço de luta hegemônica*, uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas e a articula-las de determinadas maneiras num conjunto de outras possibilidades. O princípio da linguagem como espaço de luta hegemônica também é desenvolvido por Foucault. [...] Para o filósofo, analisar discursos corresponde a especificar, sócio-historicamente, formações discursivas interdependentes, bem como sistemas de regras que possibilitam a ocorrência de certos enunciados em determinados tempos, lugares e instituições (RAMALHO, 2005, p. 279).

No entanto, ressaltamos que este é um estudo embrionário e que os dados levantados servirão de ponto de partida para pesquisas futuras.

Referências

- ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? *Ciência da Informação*, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996.
- BERNSTEIN, Basil. *The structuring of pedagogic discourse*. Londres: Routledge, 1990.

CALSAMIGLIA, Helena; LÓPES FERRERO, Carmem. Role and position of scientific voices: reported speech in the media. *Discourse Studies*, v. 5, n. 2, p. 147-173, 2003.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

DOSSE, François. 1966: O ano-luz. Foucault vende como pãezinhos. In: DOSSE, François. *História do estruturalismo – Volume I – O campo do signo*. Tradução Álvaro Cabral. Revisão técnica Marcia Mansor D'Alessio. Bauru: EDUSC, 2007, p. 425-438.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse*. Textual analysis for social research. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Media discourse*. Nova Iorque: Edward Arnold, 1995.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. What is enlightenment? In: RABINOW, P. (Ed.). *Michael Foucault: Essencial Works*. Vol. 1 (Ethics). Harmondsworth: Penguin, 1994, p. 303-319.

GERHARDT, Liane Beatriz. A representação dos atores sociais e o processo de reformulação em notícia de popularização científica. In: MOTTA-ROTH, Désirée; GIERING, Maria Eduarda. (Orgs.). *Discursos de popularização da ciência*. Santa Maria, RS: PPGL Editores, 2009, p. 63-70.

GERMANO, Marcelo. Popularização da ciência como ação cultural libertadora. In: *V Colóquio internacional Paulo Freire: desafios à sociedade multicultural*, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. Apresentação. In: GUIMARÃES, Eduardo. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, Mídia, Sociedade*. Campinas: Pontes, 2001, p. 7-10.

GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e conhecimento: produção e circulação da ciência. *Rua*, v. 2, n. 15, p. 5-14, nov. 2009.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. Revisão Christian M. I. M. Matthiessen. Londres: Arnold, 2004.

IVANISSEVICH, Alicia. A mídia como intérprete: como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: VILAS BOAS, S. (Org.). *Formação & Informação científica: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus Editorial, 2005, p. 19-30.

KRISTEVA, Julia. *La révolution du langage poétique*. L'avant-garde a la fin du XIXe. Siècle: Lautréamont et Mallarmé. Paris: Seuil, 1974.

LOVATO, Cristina dos Santos. Análise das imagens em notícias de popularização científica. *Travessias*, v. 4, p. 114-133, 2010a.

_____. Recontextualizando os saberes científicos: a glosa em notícias de popularização da ciência. *Revista de Letras*, n. 13. v. 1, p. 1-15, 2010. Disponível em: <<http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/13%20-%20RECONTEXTUALIZANDO.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2010b.

MOTTA-ROTH, Désirée. *Análise crítica de gêneros com foco em artigos de popularização da ciência*. Projeto de Produtividade em Pesquisa PQ/CNPq (nº. 301962/2007-3), 2007.

_____. O conceito de “recontextualização” na teoria social de Basil Bernstein. *Ciclo de Segundas do LAEL*. Palestra realizada na PUCSP, São Paulo, em 29 de maio de 2009a.

_____. Popularização da ciência como prática social e discursiva. In: _____; GIERING, Maria Eduarda. (Org.). *Discursos de popularização da ciência*. Santa Maria: PPGL Editores, 2009b, p. 130-195.

_____. Últimas descobertas! Estrutura potencial do gênero notícia de popularização da ciência. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, V, ago. 2009, Caxias do Sul, RS. *Anais*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2009c, p. 86-87.

_____; LOVATO, Cristina dos Santos. O poder hegemônico da ciência no discurso de popularização científica. *Calidoscópio*, v. 9, n. 3, p. 251-268, 2011.

OLIONI, R. C. *Tema e N-Rema: a construção do fluxo de informação em textos narrativos sob uma perspectiva sistêmico-funcional*. 2010. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

PAGANO, Adriana. Genes, ovelhas e discos compactos: alguns aspectos das reescritas de descobertas científicas. In: MACHADO, Ida Lúcia; CRUZ, Amadeu Roseli; LYSARDO-DIAS, Dylia. *Teorias e práticas discursivas*. Estudos em análise do discurso. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 55-72.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. *Estudos Semióticos*, v. 6, n. 2, p. 66-76, 2010.

RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico-metodológico. *Signótica*, v. 17, n. 2, p. 275-298, 2005.

RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas: Pontes, 2009.

SANTOS, Widson Luiz Pereira dos. Educação científica na perspectiva de letramento como prática social; funções, princípios e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 36, p. 474-492, 2007.

TABRIZI, Fahimeh; NABIFAR, Nesa. A comparative study of ideational grammatical metaphor in health and political texts of English newspapers. *Journal of Academic and Applied Studies*, v. 3, n. 1, p. 32-51, 2013.

TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. A representação das áreas de Letras e Biologia em duas notícias da mídia online. *Saberes Letras*, v. 9, n. 1, p. 136-153, 2011.

TILIO, Rogério Casanovas. Revisitando a Análise Crítica do Discurso: um instrumental teórico-metodológico. *E-escrita*, v. 1, n. 2, p. 86-102, 2010.

VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing social semiotics*. Nova Iorque: Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, Theo. *The language of colour*. An introduction. Nova Iorque: Routledge, 2011.

VASQUES, Cristina Maria. Uma sinfonia intertextual: cinema, quadrinhos e televisão – uma composição de futuro presente em *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. *Terra Roxa e outras terras*, v. 11, n. 1 (131), p. 20-27, 2007.

VIAN JR., Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciamento. *Delta*, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

Recebido em 12 de junho de 2011

Aceito em 10 de outubro de 2011